



□SEXTA-FEIRA, 18 DE ABRIL DE 1997

Xokleng

Brancos invadem terras

Alagadas, asfaltadas, usadas para vários fins, índios não são ressarcidos pela perda de áreas

Ângela Bastos
NONOAI (RS)

Barragem, aeroporto, cooperativa, estradas e casas são alguns dos sinais da ocupação de terras indígenas no Sul do Brasil. A Barragem Norte, no município catarinense de José Boiteux, é um exemplo. Os Xokleng reivindicam o cumprimento de um protocolo assinado entre os governos estadual e federal para ressarcimento das perdas. O aeroporto da cidade de Irai, Norte do Rio Grande do Sul, é outra obra que gera indignação entre os Kaingang. A BR-324, que liga Nonoai ao município de Planalto (RS), mais uma. A rodovia passa pela maior comunidade Kaingang entre os gaúchos. São 3 mil pessoas vivendo em 14.910 hectares. Uma índia morreu atropelada.

O trânsito intenso na rodovia federal levou à morte a sogra do cacique José Lopes. A mulher morreu há dois anos, atropelada. Até para visitar o túmulo dos mortos os índios precisam cruzar o asfalto. Os Kaingang protestam com frequência. Várias vezes o trânsito foi fechado. A sinalização melhorou, mas o perigo continua. Crianças e adultos vendem pinhão e artesanato às margens da BR.

Motoristas não respeitam as placas que pedem velocidade máxima de 40 quilômetros. As lideranças conseguiram sensibilizar as prefeituras da região a colocar quebra-molas. "Estão faltando com a palavra" queixa-se Zé Lopes. "Os prefeitos assumiram o compromisso. Agora que a estrada tá, entram e saem das prefeituras sem nada fazer. Daqui uns dias vamos fechar a estrada de novo", ameaça.

Parte da zona urbana de Abelardo Luz, na divisa de Santa Catarina com o Paraná, está incluída num levantamento fundiário feito em 1985 para identificação do Toldo do Umbu. "A expectativa é de conflitos graves", informa um relatório elaborado pela Procuradoria da República em Santa Catarina. A história mostra que as tribos estavam lá quando os projetos começaram. Os índios têm sido enganados por promessas. Indenizações e melhorias nem sempre são cumpridas. O impacto das obras causa problemas às comunidades. Não só econômicos, mas também sociais.

SOBREVIVENTES

São três os povos indígenas no Sul do Brasil: Kaingang, Guarani e Xokleng. Estima-se em 23.384 os índios sobreviventes nos Estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Uma realidade trágica, se comparada à do século 16, quando a costa brasileira começou a ser visitada pelos navegantes europeus. Havia 5 milhões de índios no Brasil quando chegaram os primeiros portugueses. Hoje não passam de 325 mil, segundo a Funai. O Instituto Sócio-Ambiental (ISA) calcula em 270 mil. São 215 grupos étnicos que falam 170 línguas ou dialetos. Os índios do Sul do Brasil estão subordinados às administrações da Funai em Passo Fundo (RS), Chapecó (SC), Guarapuava, Londrina e Curitiba (PR). Os Xetá, uma das etnias que vivia na região, resume-se hoje a oito representantes. Originários da Serra dos Dourados, onde hoje se localiza o município de Umuarama (PR), eram cerca de 150 quando foram contatados por colonizadores no ano de 1955.

PERDA:
Cacique Xokleng percorre a barragem construída sobre as melhores terras da Reserva Duque de Caxias, em José Boiteux



DANIEL CONZI/DC/José Boiteux

Xokleng ameaçam dinamitar barragem

Índios da Reserva Duque de Caxias estão revoltados com o descumprimento de um protocolo assinado pelos governos estadual e federal

Os índios Xokleng da Reserva Duque de Caxias, em José Boiteux, que desde 4 de fevereiro ocupam a Barragem Norte em protesto pelo descumprimento de um protocolo assinado entre governos do Estado e Federal, estão fazendo uma ameaça séria. Na terça-feira, durante uma reunião na prefeitura de Blumenau, prometeram dinamitar as comportas da obra. Eles garantem que tem dinamite suficiente para provocar a explosão. "Os equipamentos estão abertos", avisaram. Se chover nestes dias, há risco de inundação na cidade de Blumenau e região. Houve uma tentativa de convencer os Xokleng a não partirem para a radicalidade. O temor é de que muitas pessoas sem culpa sejam prejudicadas pela omissão do governo.

Há 15 dias, o cacique-presidente Aniel Priprá, atestou dificuldades para "segurar" o povo. As 50 famílias acampadas às margens da barragem estão sem alimentos. A Fundação Nacional de Saúde identificou casos de tuberculose na área. "Eu tenho que pensar na minha gente", disse. Além do cacique Ângelo Namblá, da Aldeia Figueira, e do líder Edu Priprá, ex-cacique da Aldeia Bugio, participaram da reunião o prefeito de Blumenau Décio Lima (PT), a procuradora da República em Santa Catarina, Analúcia Hartmann, e representantes da Funai e de entidades.

Ao contrário do esperado, o governo estadual não mandou ninguém. A saída do PDT do governo - a questão indígena está ligada à Secretaria de Justiça e Cidadania e até a semana passada tinha como secretário Samuel Nercolini - foi responsável pela ausência. Houve frustração entre o grupo. Mais uma vez os índios ficaram sem respostas. Desde os anos 70 a comunidade sofre os efeitos da barragem, que formou uma bacia de acumulação de água inundando cerca de 1.400 hectares de terra. A área era considerada como uma das mais favoráveis à agricultura.

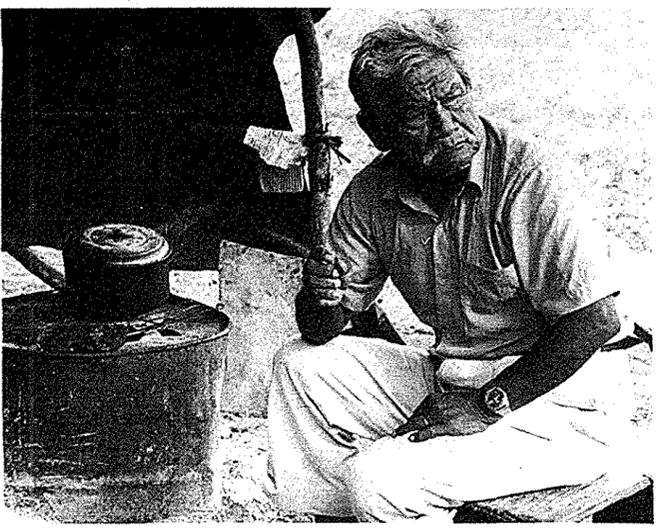
PRESIDENTE - Em 1992, os governos de Santa Catarina e a União assinaram um documento para ressarcir os índios. Das 188 casas de alvenaria prometidas, só 26 foram construídas. Diferente do prometido, as residências não têm luz elétrica e rede de água. O governo Paulo Afonso se comprometeu em erguer uma ponte, elevar o nível de outra já existente e construir uma estrada. O prefeito de Blumenau assumiu a responsabilidade de cobrar das autoridades as reivindicações. Lima disse que em 8 de março entregou ao presidente Fernando Henrique Cardoso um dossiê mostrando a situação dos Xokleng às margens da barragem. Até agora, não obteve resposta.

Empurrados de um lado para o outro, os Xokleng se dizem convencidos que somente diante de uma medida de impacto poderão ser atendidos. A ideia se disseminou entre áreas indígenas do Sul. O cacique João Gonçalves, do Toldo do Pinhal, em Seara, acredita que o governo não teria agilizado as indenizações dos agricultores que ocupavam a área caso não tivessem quatro pessoas como reféns. "Cada povo tem que descobrir sua forma de luta", diz o cacique Kaingang.



FOTOS DANIEL CONZI/DCI/José Boiteux

LONGA ESPERA: Promessas foram feitas há anos mas até agora a população indígena não recebeu as 188 casas, energia elétrica, rede de água, estrada, pontes...



PROTESTO: Xokleng abandonaram as casas e acamparam às margens da barragem

Demora na demarcação das terras é o maior problema

A demarcação das terras é considerado o problema mais grave dos povos indígenas de todo o país. Em Santa Catarina, existem vários processos em andamento. Um dos casos que se encontra em fase final é o Toldo do Pinhal, localizado no município de Seara, Oeste do Estado. Mais da metade da área está em posse da comunidade. Seis famílias de agricultores permanecem até o começo do mês nas terras dos Kaingang, situação que nos últimos anos gerou muitos conflitos.

No final do ano passado, quatro pessoas foram tomadas como reféns pelos índios: dois representantes da Funai e dois do Inera. O grupo de colonos remanescente ainda não finalizou a indenização proposta pela Funai para as benfeitorias. Resolvida a retomada, a comunidade enfrentará

outro problema: a falta de recursos. Existe a carência de um projeto que possibilite aos Kaingang se auto-sustentarem. Este é um problema que se repete inclusive nas áreas já em posse definitiva dos índios.

A área do Toldo do Umu é uma das mais problemáticas. Identificada em 1985, ainda não teve realizado o levantamento fundiário. O problema mais grave é a inclusão da zona urbana do município de Abelardo Luz. Residências e comércio localizam-se em cima da área. Rio dos Pardos está identificada, mas o processo de demarcação foi interrompido há vários anos. Não há informações sobre a presença de agricultores, mas conflitos com madeireiros clandestinos. Aldeias Guarani localizadas no Litoral também estão em processo de demarcação.

Treze aldeias em SC onde vivem 1.665 indígenas

São 16 as aldeias localizadas nos Estados de Santa Catarina e Paraná sob jurisdição da Administração Executiva Regional de Curitiba. Treze ficam no território catarinense, onde vivem 1.665 índios, dos 1.813 que estão ligados a Curitiba. A Administração tem ainda sob sua responsabilidade a Casa de Saúde Indígena, atende pacientes oriundos de todo o Sul do país em busca de acesso à rede hospitalar.

A Funai de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, tem sob sua tutela 9.211 índios, a maioria Kaingang. São poucos os Guarani em solo gaúcho. Ligados ao órgão, em Chapecó, vivem 4.194. A maior população é de Kaingang. A Fundação tem sedes também em Londrina (PR), administrando 1.800, e em Guarapuava, no mesmo Estado, num total de 6.416 índios. A divisão geográfica, ocorre, segundo a Funai, devido à proximidade. "É uma forma de facilitar o acesso às sedes", diz Sérgio de Campos, administrador em Curitiba.

TERRAS NO RIO GRANDE DO SUL

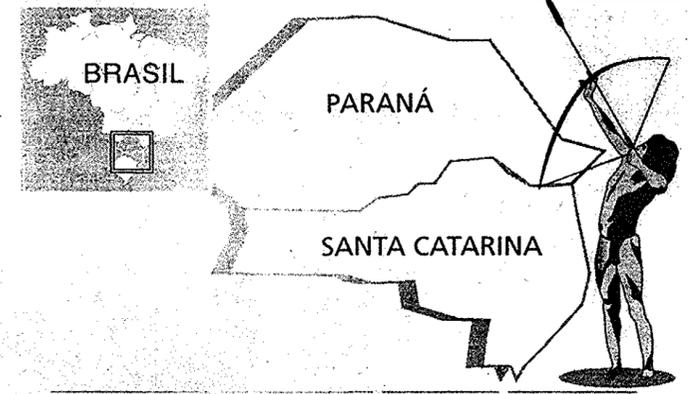


Área	Município	Número de Kaingang
Cacique Doble	Cacique Doble	503
Carreteiro	Água Santa	226
Guarita	Tenente Portela	3.982
Inhacorã	São Valério do Sul	672
Iral	Iral	426
Ligeiro	Charrua	1.157
Rio da Várzea	Liberato Salzano	360
Votouro	Benjamin Constant	988
Acamp. Caseiros	Ibiraiaras	215
Acamp. Rio dos Índios	Vicente Dutra	13
Acamp. Ventarra	Erebango	78

Área	Município	Número de Guarani
Barra do Ouro	Maquíné	40
Cacique Doble	Cacique Doble	81
Carita Galo	Viamão	85
Capivari	Palmares do Sul	14
Jaguarizinho	São Fr. de Assis	07
Pacheca	Camaquã	26
Passo Grande	Barra do Ribeiro	54
Ruínas São Miguel	São Miguel	04
Salto Jacuí	Salto Jacuí	15
Torres	Torres	11
Três Forquilhas	Osório	53
Votouro	Benjamin Constant	138
Santa Rosa	Santa Rosa	63

Fonte: Funai/Passo Fundo/RS

SITUAÇÃO DAS TERRAS NO PARANÁ E SC



Cidade	Município	População	Situação
Cerco Grande	Guaraqueçaba	33	Identificada
Cotinga	Paranaguá	79	Demarcada
Pacas	Guaraqueçaba	36	Identificada
Cambirela	Paranaguá	10	A identificar
Coqueiros	Araquari	15	A identificar
Corveta I	Araquari	13	A identificar
Corveta II	Araquari	7	A identificar
Figueira	São Franc. do Sul	10	A identificar
Gravatá	Navegantes	21	A identificar
Ibirama	José Boiteux	1400	Demarcada
Iperoba	São Franc. do Sul	10	A identificar
Massiambu	Palhoça	33	Identificada
Biguaçu	Biguaçu	40	Identificada
M. Cavalos	Palhoça	73	Identificada
Reta	São Franc. do Sul	14	A identificar
Rio Pirai	Joinville	19	A identificar

Fonte: Funai/Curitiba

Guarani pinta a BR-101

O menino Valdecir Gemene ou Kanai, em Guarani, aos 12 anos já tem a BR-101 entre as suas preocupações e transpôs para a folha de papel a ideia que faz da duplicação da rodovia. Os carros não colidem, ao contrário de cenas de acidentes que algumas vezes ele presenciou.



Valdecir é filho de Darci Lino Gemene, um dos líderes na Aldeia Morro dos Cavalos, município de Palhoça. O pai tem participado de encontros onde a obra é discutida. Os Gemene formam uma das 13 famílias da área. No local vivem 18 crianças. Valdecir e seus colegas de 1ª a 4ª série estudam na escola Itatyr.

As casas da comunidade são de madeira e de taquara, forradas com barro e cobertas com telhas. Algumas revestidas por lonas de plástico. Os Guarani plantam batata-doce e mandioca.

Estão desenvolvendo uma horta de cana-de-açúcar.

Num dos cantos estão depositados canos de plástico. Foram adquiridos através da Fundação Nacional de Saúde (FNS) para a construção dos sanitários. A água chega através de mangueiras, de uma nascente no morro.

DIÁRIO CATARINENSE
Índios do Sul
 EDITOR: Celso Vicenzi
 TEXTOS: Angela Bastos
 PLANEJAMENTO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Márcia Dvoškin Coutinho
 ARTE: Luis Mendes
 SECRETARIA GRÁFICA: Romi de Lís
 LABORATÓRIO: Renato de Souza, Nivaldo da Cunha e Jonas Espindola

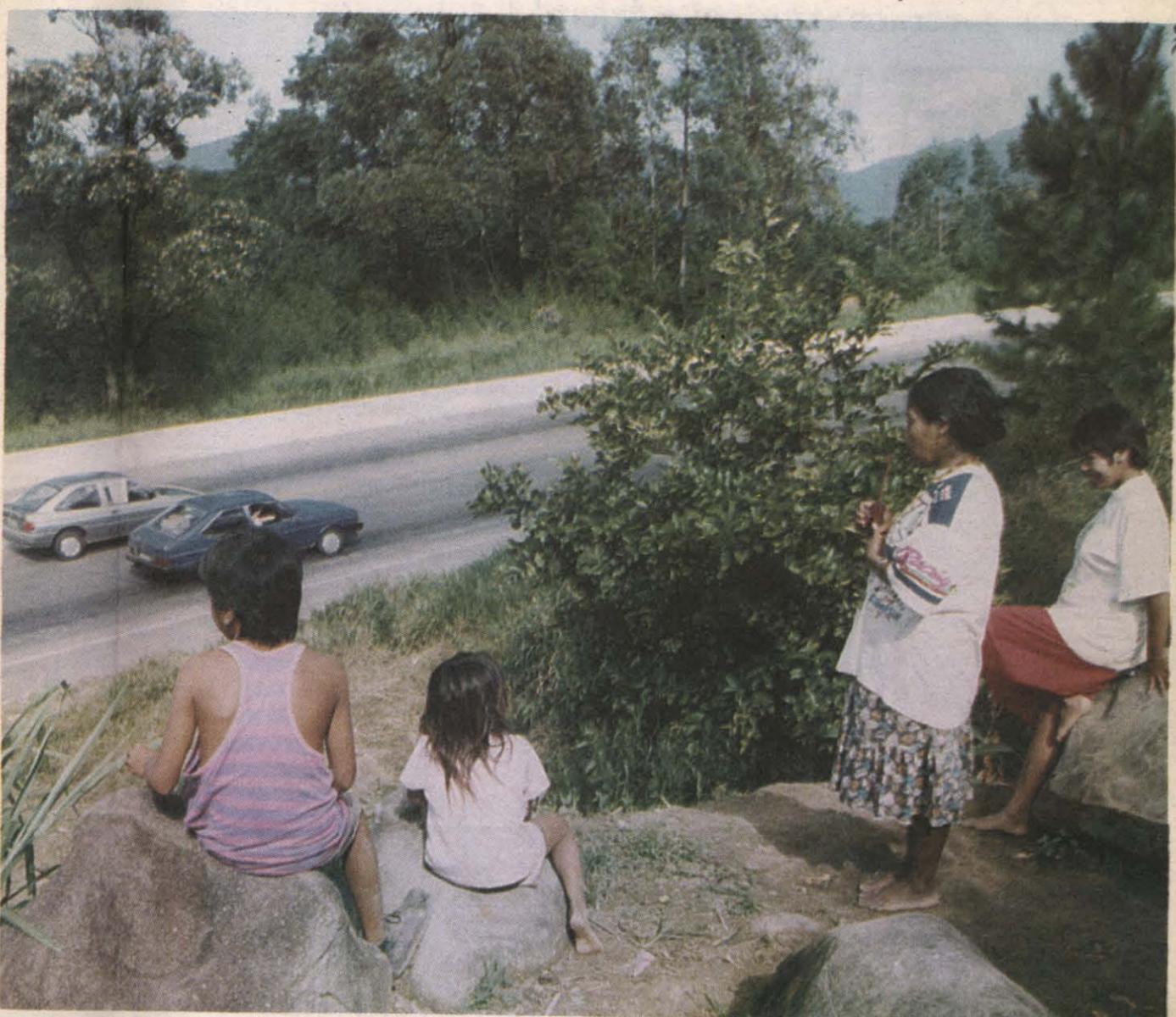
Rodovia atingirá 25 comunidades

DNER promete tomar medidas de proteção para evitar danos às aldeias situadas perto da estrada

As 25 comunidades indígenas Guarani que vivem ao longo dos 216 quilômetros da BR-101, entre Garuva e Palhoça, estão contempladas no projeto de duplicação da rodovia em território catarinense. A garantia da implantação de um programa sócio-econômico e ambiental para adaptação dos índios aliviou um pouco a angústia em que estavam vivendo. Agricultores, se mostravam preocupados com a questão da terra. Tinham medo de ser expulsos. Alguns líderes, que estão em áreas ainda não delimitadas, ainda se mostram aflitos. Existe compromisso no sentido de que também sejam protegidos.

A questão deverá acelerar a identificação e demarcação das terras. Entre as 25 comunidades existem também as que estão desocupadas, devido ao deslocamento para outras aldeias. Os Guarani têm características nômades. Famílias costumam sair para os centros urbanos onde vendem artesanato, outro meio de sobrevivência. O termo de compromisso foi assinado entre a Fundação Nacional do Índio (Funai) e Departamento Nacional de Estradas e Rodagem (DNER). Na terça-feira, índios e brancos sentaram para elaborar um cronograma de ações. A antropóloga Maria Dorotéa Darella, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), esteve presente.

Maria Dorotéa foi uma das autoras do relatório complementar que orientou parte do projeto do DNER. O órgão se responsabilizou pela construção de passarelas ou passagens subterrâneas próximas à aldeia em Biguaçu e às futuras áreas de Corveta 1 e 2, Rio Bonito, Rio do Meio e Garuva. A fixação de placas de sinalização faz parte do termo. Uma das preocupações é impedir que as aldeias sejam transformadas em pontos turísticos. Utilizar o índio como objeto de propaganda ou de exibição para fins lucrativos é proibido por lei (Estatuto do Índio). A pena varia dois anos de detenção a seis meses.



CADA VEZ MAIS PRÓXIMA: Aldeia dos índios Guarani, no Morro dos Cavalos, em Palhoça, fica bem ao lado da BR-101

FOTOS DANIEL CONZI/DC/Palhoça



COMÉRCIO: Na beira da rodovia, em Palhoça, os Guarani da aldeia de Massiambu vendem artesanato feito com vime trançado

NO PÓ DA ESTRADA

ROTEIRO

- Dia 15**
Explorados por índios e brancos
- Dia 16**
Ex-donos da terra, hoje confinados
- Dia 17**
Fome, desnutrição e doenças
- Dia 18**
Obras invadem reservas indígenas
- Dia 19**
A luta contra a perda dos valores